

Friedrich
Nietzsche

100 aforismos sobre
o amor e a morte

Seleção e tradução de
PAULO CÉSAR DE SOUZA



P E N G U I N

COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright da organização © 2012 by Paulo César Lima de Souza

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Penguin and the associated logo and trade dress are registered and/or unregistered trademarks of Penguin Books Limited and/or Penguin Group (USA) Inc. Used with permission.

Published by Companhia das Letras in association with
Penguin Group (USA) Inc.

PROJETO GRÁFICO PENGUIN-COMPANHIA

Raul Loureiro, Claudia Warrak

PREPARAÇÃO

Suzana Servente Deorsola

REVISÃO

Isabel Jorge Cury

Huendel Viana

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Nietzsche, Friedrich Wilhelm, 1844-1900.

100 aforismos sobre o amor e a morte / Friedrich Wilhelm Nietzsche ; seleção e tradução Paulo César de Souza — 1ª ed. — São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2012.

ISBN 978-85-63560-53-7

1. Aforismos e apotegmas 2. Amor 3. Filosofia alemã 4. Morte 5. Nietzsche, Friedrich Wilhelm, 1844-1900 I. Título.

12-10341

CDD-193

Índice para catálogo sistemático:

1. Nietzsche : Filosofia alemã 193

[2012]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500 Fax: (11) 3707-3501

www.penguincompanhia.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

Sumário

1. As coisas que chamamos de amor	9
2. O que se pode prometer	11
3. Amor e justiça	12
4. Liberalidade proibida	12
5. Uma doença masculina	12
6. Uma espécie de ciúme	13
7. Suspiros diversos	13
8. Um elemento do amor	13
9. A unidade de lugar e o drama	13
10. Não há repouso no amor	13
11. Casamento estável	14
12. Natureza de Proteu	14
13. Amar e ter	14
14. Máscaras	15
15. O casamento como uma longa conversa	15
16. Sonhos de garotas	15
17. Sem rivais	16
18. O intelecto feminino	16
19. Os míopes se apaixonam	17
20. Mulheres com ódio	17
21. Amor	18
22. Quem sofre mais?	18
23. Do futuro do casamento	18
24. Próximo demais	20
25. Sacrifício voluntário	20

26. Amor e ódio	21
27. Amor e reverência	21
28. O amor como artifício	21
29. O engano no amor	22
30. Amor e dualidade	22
31. “Amor”	23
32. O cristianismo realizado	23
33. O que liga e o que separa	24
34. Duas fontes de bondade	25
35. O espírito das mulheres	25
36. Cruel pensamento do amor	25
37. A fonte do grande amor	25
38. Vantagem da privação	26
39. Um atestado de amor	26
40. O valor da crença em paixões sobre-humanas	26
41. Pensar mal é tornar mau	27
42. Uma sugestão	29
43. “Não egoísta!”	29
44. Aqui há novos ideais a inventar	29
45. Em que nos tornamos artistas	30
46. Temor e amor	30
47. Amostra de reflexão antes do casamento	31
48. A mais perigosa desaprendizagem	31
49. Amor e veracidade	31
50. Contra o esbanjamento do amor	32
51. Seduzir para o amor	32
52. “O amor torna igual”	33
53. Amor	33
54. As mães	33
55. A cor das paixões	34
56. Sem vaidade	35
57. É preciso aprender a amar	35
58. Como cada sexo tem seu preconceito em relação ao amor	36
59. [O amor a um único ser]	38
60. [Até onde vai a sexualidade]	38

61. [O que está no fundo vem à tona]	38
62. [Diferente ritmo dos afetos]	38
63. [Jogadora medíocre]	38
64. [A vontade de superar um afeto]	39
65. [Quando a sensualidade precipita o amor]	39
66. [Na vingança e no amor]	39
67. [A frase mais pudica que jamais ouvi]	39
68. [Quando uma mulher tem inclinações eruditas]	40
69. [Comparando o homem e a mulher]	40
70. De antigas novelas florentinas	40
71. [O que se faz por amor]	40
72. [O que o amor evidencia]	41
73. [Eros envenenado]	41
74. [Amor ao desejo]	41
75. [O conhecimento do amor]	41
76. [Uma concepção filosófica do amor]	43
77. [Budismo, cristianismo e amor]	45
78. [Pureza ou impureza do corpo]	47
79. [O amor ao próximo e o cultivo de si]	49
80. [A guerra dos sexos]	49
81. O ancião e a morte	52
82. Impedimento do suicídio	53
83. A família do suicida	53
84. Não importa como se morre	53
85. Depois da morte	54
86. Na noite	54
87. Novos atores	55
88. A morte racional	56
89. Morte	57
90. O duelo	57
91. Nem tão importante assim	58
92. Santa crueldade	58
93. <i>Sub specie aeterni</i>	58
94. O pensamento da morte	59
95. [Como se despedir da vida]	60

96.	[O pensamento do suicídio]	60
97.	Moral para médicos	60
98.	O homem louco	61
99.	O sentido de nossa jovialidade	63
100.	Descida ao Hades	65

<i>Procedência dos textos</i>	67
-------------------------------	----

1. As coisas que chamamos de amor

Cobiça e amor: que sentimentos diversos evocam essas duas palavras em nós! — e poderia, no entanto, ser o mesmo impulso que recebe dois nomes; uma vez difamado do ponto de vista dos que já possuem, nos quais ele alcançou alguma calma e que temem por sua “posse”; e outra vez do ponto de vista dos insatisfeitos, sedentos, e por isso glorificado como “bom”. Nosso amor ao próximo — não é ele uma ânsia por nova *propriedade*? E igualmente o nosso amor ao saber, à verdade, e toda ânsia por novidades? Pouco a pouco nos enfadamos do que é velho, do que possuímos seguramente, e voltamos a estender os braços; nem a mais bela paisagem estará certa de nosso amor, após passarmos três meses nela, e algum litoral longínquo despertará nossa cobiça: em geral, as posses são diminuídas pela posse. Nosso prazer conosco procura se manter transformando algo novo *em nós mesmos* — precisamente a isto chamamos possuir. Enfadar-se de uma posse é enfadar-se de si mesmo. (Pode-se também sofrer da

demasia — também o desejo de jogar fora, de distribuir, pode ter o honrado nome de “amor”). Quando vemos alguém sofrer, aproveitamos com gosto a oportunidade que nos é oferecida para tomar posse desse alguém; é o que faz o homem benfazejo e compassivo, que também chama de “amor” ao desejo de uma nova posse que nele é avivado, e que nela tem prazer semelhante ao de uma nova conquista iminente. Mas é o amor sexual que se revela mais claramente como ânsia de propriedade: o amante quer a posse incondicional e única da pessoa desejada, quer poder incondicional tanto sobre sua alma como sobre seu corpo, quer ser amado unicamente, habitando e dominando a outra alma como algo supremo e absolutamente desejável. Se considerarmos que isso não é outra coisa senão *excluir* todo o mundo de um precioso bem, de uma felicidade e fruição; se considerarmos que o amante visa o empobrecimento e privação de todos os demais competidores e quer tornar-se o dragão de seu tesouro, sendo o mais implacável e egoísta dos “conquistadores” e exploradores; se considerarmos, por fim, que para o amante todo o resto do mundo parece indiferente, pálido, sem valor, e que ele se acha disposto a fazer qualquer sacrifício, a transtornar qualquer ordem, a relegar qualquer interesse: então nos admiraremos de que esta selvagem cobiça e injustiça do amor sexual tenha sido glorificada e divinizada a tal ponto, em todas as épocas, que desse amor foi extraída a noção de amor como o oposto do egoísmo, quando é talvez a mais direta expressão do egoísmo. Nisso, evidentemente, o uso linguístico foi determinado pelos que não possuíam e desejavam — os quais sempre foram

em maior número, provavelmente. Aqueles que nesse campo tiveram posses e satisfação suficientes deixaram escapar, aqui e ali, uma palavra sobre o “demônio furioso”, como fez o mais adorável e benquisto dos atenienses, Sófocles: mas Eros sempre riu desses blasfemos — eram, invariavelmente, os seus grandes favoritos. — Bem que existe no mundo, aqui e ali, uma espécie de continuação do amor, na qual a cobiçosa ânsia que duas pessoas têm uma pela outra deu lugar a um novo desejo e cobiça, a uma elevada sede *conjunta* de um ideal acima delas: mas quem conhece tal amor? Quem o experimentou? Seu verdadeiro nome é *amizade*.

2. O que se pode prometer

Pode-se prometer atos, mas não sentimentos; pois estes são involuntários. Quem promete a alguém amá-lo sempre, ou sempre odiá-lo ou ser-lhe sempre fiel, promete algo que não está em seu poder; no entanto, pode prometer aqueles atos que normalmente são consequência do amor, do ódio, da fidelidade, mas também podem nascer de outros motivos: pois caminhos e motivos diversos conduzem a um ato. A promessa de sempre amar alguém significa, portanto: enquanto eu te amar, demonstrarei com atos o meu amor; se eu não mais te amar, continuarei praticando esses mesmos atos, ainda que por outros motivos: de modo que na cabeça de nossos semelhantes permanece a ilusão de que o amor é imutável e sempre o mesmo. — Portanto, prometemos a continuidade da

aparência do amor quando, sem cegar a nós mesmos, juramos a alguém amor eterno.

3. Amor e justiça

Por que superestimamos o amor em detrimento da justiça e dizemos dele as coisas mais belas, como se fosse algo muito superior a ela? Não será ele visivelmente mais estúpido? — Sem dúvida, mas justamente por isso mais agradável para todos. O amor é estúpido e possui uma abundante cornucópia; dela retira e distribui seus dons a cada pessoa, ainda que ela não os mereça, nem sequer os agradeça. Ele é imparcial como a chuva, que, segundo a Bíblia e a experiência, molha até os ossos não apenas o injusto, mas ocasionalmente também o justo.

4. Liberalidade proibida

Não há no mundo amor e bondade bastantes para que ainda possamos dá-los a seres imaginários.

5. Uma doença masculina

Para a doença masculina do autodesprezo o remédio mais seguro é ser amado por uma mulher inteligente.